

**Castigo e redenção: o poder das deusas e o
homoerotismo feminino nas *Metamorfoses* de
Ovídio**

Punishment and Redemption: the Power of Goddesses and Female
Homoeroticism in Ovid's *Metamorphoses*

*Victoria Lacerda de Lima*¹

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Programa de Pós-graduação em História. E-mail: victoria.lacerda@unifesp.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5276686908441501> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2296-8939>.

RESUMO

O artigo analisa o poder das deusas femininas nas *Metamorfoses* de Ovídio, com foco nos contos de Calisto e Ífis, investigando como o sagrado feminino se manifesta por meio da intervenção divina sobre o corpo e a sexualidade das personagens. No mito de Calisto, Diana e Juno atuam como agentes de controle e punição, disciplinando o corpo feminino e reafirmando a ordem moral e religiosa. No mito de Ífis, a deusa Ísis exerce um poder transformador e redentor, intervindo no corpo da protagonista para resolver um impasse social, ainda que essa transformação possa ser compreendida como violência simbólica. A análise visa compreender como o feminino divino opera simultaneamente como força disciplinadora e transformadora, assim como, as tensões entre sagrado, corpo e sexualidade na Antiguidade romana.

PALAVRAS-CHAVE: Metamorfoses; Sagrado feminino; Antiguidade romana; Homoerotismo.

ABSTRACT

This article analyzes the power of female goddesses in Ovid's *Metamorphoses*, focusing on the myths of Callisto and Iphis, investigating how the sacred feminine is manifested through divine intervention in the bodies and sexuality of the characters. In the myth of Callisto, Diana and Juno act as agents of control and punishment, disciplining the female body and reaffirming moral and religious order. In the myth of Iphis, the goddess Isis exercises a transformative and redemptive power, intervening in the protagonist's body to resolve a social impasse, although this transformation can also be understood as a form of symbolic violence. The analysis aims to understand how the divine feminine operates simultaneously as a disciplinary and transformative force, as well as the tensions between the sacred, the body, and sexuality in Roman Antiquity.

KEYWORDS: Metamorphoses; Sacred Feminine; Roman Antiquity; Homoeroticism.

O feminino e o sagrado na Roma antiga: caminhos para a leitura de Ovídio

A sexualidade feminina na Antiguidade Clássica tem sido analisada a partir de perspectivas que privilegiam as normas sociais, a organização familiar e os discursos masculinos sobre o corpo e o comportamento das mulheres. No contexto romano, a sexualidade estava profundamente vinculada às hierarquias sociais e às relações de poder, sendo regulada por códigos morais, jurídicos e culturais que determinavam os papéis de gênero e as formas legítimas de desejo. Como observa Paul Veyne (1985), os códigos sexuais romanos estavam estruturados não pela orientação do desejo, mas pela posição ocupada na relação sexual, sendo a atividade associada à virtude e a passividade à submissão. Nessa mesma direção, Eva Cantarella (1988), Pierre Grimal (1991) e Holt Parker (1997, p. 55) destacam que a masculinidade romana estava ligada ao domínio do corpo e do outro, reforçando a centralidade do poder na construção das práticas sexuais.

Esse modelo social também afetava diretamente a construção do feminino, uma vez que as mulheres eram associadas à passividade sexual, ao casamento e à maternidade como elementos fundamentais da ordem social romana. A organização familiar e as leis matrimoniais, especialmente no período augustano, buscavam controlar a sexualidade feminina e garantir a estabilidade social por meio da reprodução e da moralização dos costumes (Treggiari, 1991). Nesse contexto, práticas sexuais que escapavam à lógica matrimonial e reprodutiva eram frequentemente interpretadas como desvios ou transgressões, sendo representadas na literatura de forma simbólica, satírica ou moralizante. Como destaca David Halperin (1990, p. 30), a passividade sexual era compreendida como um sinal de inferioridade social, reforçando a relação entre sexualidade e hierarquia.

A literatura latina, nesse cenário, desempenha um papel central na

construção dos discursos sobre o feminino e a sexualidade. Mais do que refletir a realidade social, os textos literários produzem representações que organizam o imaginário cultural e estabelecem limites entre o aceitável e o condenável. Catherine Edwards (1993, p. 47-48) destaca que o controle do comportamento feminino estava diretamente ligado à preservação da honra familiar e da ordem social, sendo o corpo das mulheres um espaço simbólico de disciplina moral e política. Dessa forma, a literatura romana não apenas narra histórias, mas também constrói discursos sobre o desejo, o corpo e a moralidade.

É nesse universo que a obra de Ovídio se destaca como um espaço privilegiado de análise das tensões entre desejo, norma social e representação do feminino. Produzidos entre o final do século I a.C. e o início do século I d.C., seus poemas exploram mitos, narrativas amorosas e experiências femininas que frequentemente desafiam os limites da moral romana. Nas *Metamorfoses*, o poeta constrói personagens femininas que se relacionam com o amor, com o desejo e com o mundo divino, articulando experiências humanas e intervenção dos deuses e deusas em narrativas que demonstram a complexidade do feminino na cultura romana.

A relação entre o feminino e o sagrado aparece de forma significativa na literatura ovidiana. As personagens femininas estão frequentemente associadas a divindades, punições divinas, transformações corporais e relações com o mundo mitológico, evocando um universo simbólico no qual o corpo feminino se torna espaço de intervenção divina e de reorganização da ordem social. Nesse sentido, o sagrado não aparece apenas como elemento religioso, mas como mecanismo de regulação moral e cultural das experiências amorosas e sexuais, especialmente quando essas experiências rompem com as normas sociais.

Entre essas experiências, o homoerotismo feminino ocupa um lugar particularmente relevante. Ainda que raramente descrito de forma direta, ele aparece nas narrativas ovidianas por meio de mitos e histórias que articulam as

relações entre mulheres, intervenção divina e transformação corporal, como nos casos de Calisto e Ífis. Observa-se nessas narrativas, que o feminino, quando associado ao desejo e ao sagrado, torna-se um espaço de tensão entre ordem social, poder divino e experiência afetiva, que marcam os limites impostos à sexualidade feminina na Roma antiga.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar as representações do homoerotismo feminino nas *Metamorfoses* de Ovídio, a partir da relação entre o sagrado e o feminino na Antiguidade romana. Parte-se da perspectiva de que a literatura constitui um espaço de construção de discursos e imaginários sobre a sexualidade, permitindo compreender como o poeta mobiliza mitos, personagens e narrativas para representar o homoerotismo feminino e articulá-lo com a intervenção divina, com a moral social e com os limites da normatividade romana. Por fim, o artigo busca analisar como o homoerotismo feminino, longe de ser apenas um desvio moral, aparece na obra ovidiana como parte de um universo simbólico em que o feminino se relaciona diretamente com o sagrado, com o poder divino e com a reorganização das normas sociais.

Entre pureza e castigo: o poder das deusas na narrativa de Calisto

O conto de Calisto, narrado no Livro II das *Metamorfoses* de Ovídio, apresenta uma das mais complexas articulações entre feminino, sagrado e poder divino na literatura latina. A história da ninfa seguidora de Diana apresenta um universo simbólico em que o corpo feminino se torna espaço de disputa entre deuses e deusas, sendo disciplinado por meio da violência, da metamorfose e da punição. Nesse sentido, o mito não deve ser lido apenas como uma narrativa trágica, mas como uma construção poética que evidencia as relações de poder no panteão romano e a centralidade das divindades femininas na regulação da sexualidade e da pureza.

A narrativa inicia caracterizando Calisto como uma seguidora fiel de

Diana, marcada pela rejeição das atividades tradicionalmente associadas ao feminino, como o cuidado doméstico e a preocupação com a aparência. Ovídio descreve a personagem como uma caçadora dedicada, armada com arco e dardo, mais próxima da natureza e da vida selvagem do que do modelo feminino aristocrático romano.

non erat huius opus lanan mollire trahendo
nec positi uariere comas. ubi fibula uestem,
uitta coercuerat neglectos alba capillos,
et modo leue manu iaculum, modo sumpserat arcum,
miles erat Phoebes. nec Maenalon attigit ulla
gratior hac Triuia; sed nulla potentia longa est.

Não se ocupava esta a carrear a lã ou a mudar de penteado.
Quando a fivela lhe cingia a túnica e a branca fita
os desalinhados cabelos, quando tomava na mão
ora o dardo ligeiro, ora o arco, era um soldado de Febe.
A Mênalo não chegou outra da Trívia mais querida
do que ela. Mas não há privilégio que muito dure.
(Ovídio, *Metamorfoses* II, 411–416, trad. Dias, 2017, p. 129)

Essa caracterização inicial estabelece a ligação direta entre Calisto e a deusa Diana, cujas características estão associadas à virgindade, à caça e à pureza, elementos que estruturam o espaço sagrado da narrativa.

Segundo Sandra Boehringer (2022, p. 275), esse retrato rompe com o ideal feminino esperado, uma vez que Calisto não é descrita como uma mulher dedicada às tarefas domésticas ou à estética corporal, mas como uma figura que se aproxima do comportamento masculino e da própria deusa Diana. A relação entre as duas personagens é marcada por intimidade e proximidade simbólica, sugerindo um vínculo que ultrapassa a devoção religiosa e pode ser interpretado como um dos primeiros indícios de uma relação homoerótica na narrativa (Boehringer, 2022, p. 276). Essa proximidade é fundamental para compreender o papel do sagrado na construção do feminino, pois é justamente a relação com a deusa que define Calisto e sua posição dentro do universo

mitológico.

O poder de Diana na narrativa não se limita à sua condição de divindade protetora das ninfas, mas se manifesta como um princípio organizador da pureza feminina. A deusa representa o ideal de castidade e disciplina do corpo, exigindo de suas seguidoras o compromisso com a virgindade e com a rejeição dos homens. Nesse sentido, o sagrado feminino aparece como uma forma de poder que regula comportamentos e estabelece limites para a sexualidade, criando um espaço de pertencimento que depende da manutenção da pureza. A perda dessa pureza, portanto, não é apenas uma quebra moral, mas uma ruptura com o universo divino que sustenta a proteção da ninfa.

É nesse contexto que ocorre a intervenção de Júpiter, que assume a forma de Diana para se aproximar de Calisto. A escolha do disfarce não é aleatória. Ao transformar-se na deusa, o deus explora a confiança e a intimidade existentes entre as duas, utilizando o feminino como estratégia de sedução e engano.

Iuppiter ut uidit fessam et custode uacantem,
'hoc certe furtum coniux mea nesciet' inquit,
'aut si rescierit, sunt, o sunt iurgia tanti!'
protinus induitur faciem cultumque Dianae
atque ait: 'o comitum uirgo, pars una mearum,
in quibus es uenata iugis?' de caespite uigo
se leuat et 'salue numen, me iudice' dixit,
'audiat ipse licet, maius Ioue.' ridet et audit
et sibi praeferri se gaudet et oscula iungit,
nec moderata satis nec sic a uirgine danda.
qua uenata foret silua narrare parantem
impedit amplexu, nec se sine crimine prodit.
illa quidem contra, quantum modo femina posset

Júpiter, ao vê-la descontraída e sem proteção, pensou:
"Dessa aventura não tomará minha mulher conhecimento,
ou, se o souber, vale bem, oh! se vale! a contenda."
Logo, assume a feição e a maneira de vestir de Diana e diz:
"Ó jovem, companheira minha, em que cerros
andaste a caçar?" Levanta-se ela do chão relvado

e saúda: “Salve, divindade por mim considerada,
ouça-me ele embora, superior a Júpiter!” O deus ri-se, e ouve,
e goza por se ver preferido a si próprio, e beija-a
com beijos nada castos e pouco próprios de uma donzela.
Ao preparar-se para contar em que floresta tinha caçado,
com um abraço o deus impede-a, e dá-se a conhecer,
na tentativa do adultério. Ela opõe-se quanto então uma mulher
podia.
(Ovídio, *Metamorfoses* II, 426-434, trad. Dias, 2017, p. 129).

Como observa Boehringer (2022, p. 278-279), o fato de Júpiter assumir a forma de uma mulher para seduzir outra mulher levanta uma questão central para a interpretação do mito: por que o deus escolhe essa forma e não outra? A resposta está justamente na relação entre Calisto e Diana, que permite a aproximação e o contato físico, especialmente o beijo, elemento fundamental para o desenrolar da violência.

Nesse momento da narrativa, o homoerotismo feminino aparece como uma imagem visual, ainda que falsificada, uma vez que o beijo ocorre entre duas figuras femininas, embora uma delas seja Júpiter disfarçado. A cena é ambígua, já que apresenta o desejo entre mulheres ao mesmo tempo em que o desestabiliza, transformando-o em instrumento de violência e engano. Dessa forma, a divindade feminina, representada por Diana, é apropriada pelo deus masculino, revelando a fragilidade do poder das deusas diante da autoridade de Júpiter.

No entanto, é a deusa Juno que assume o papel mais significativo na disciplina do corpo feminino. Após descobrir a gravidez de Calisto, fruto da violência de Júpiter, Juno dirige sua ira contra a ninfa, interpretando o nascimento de Árcade como prova de adultério e desonra conjugal. A punição não recai sobre o deus, mas sobre a mulher, evidenciando a lógica moral que responsabiliza o corpo feminino pela traição e pela ruptura da ordem divina. Como mostra a narrativa, Juno retira de Calisto sua beleza, agride-a fisicamente e a transforma em urso, retirando-lhe a forma humana e o dom da fala:

Senserat hoc olim magni matrona Tonantis
destuleratque graues in idonea tempora poenas.
causa morae nulla est, et iam puer Arcas (id ipsum
indoluit Iuno) fuerat de paelice natus.
quo simul obuertit saeuam cum lumine mentem,
'scilicet hoc unum restabat, adultera' dixit,
út fecunda fores fieretque iniuria partu
nota Iouisque mei testatum dedecus esset.
haud impune feres; adimam tibi namque figuram,
qua tibi quaque places nostro, importuna, marito'.
Dixit et aduersa prensis a fronte capillis
strauit humi pronam. tendebat bracchia supplex:
bracchia coeperunt nigris horrescere uillis
curuarique manus et aduncos crescere in ungues
officioque pedum fungi laudataque quondam
ora Ioui fieri deformia rictu.
neue preces animos et uerba precantia flectant,
posse loqui eripitur; uox iracunda minaxque
plenaque terroris rauco de gutture fertur;
mens antiqua tamen facta quoque mansit in ursa

Havia tempo já que a esposa do Grande Tonante se aperceber do fato, mas adiará para ocasião oportuna a terrível vingança. Agora não há razão para adiar, pois o pequeno Árcade (era isso que indagava Juno) já havia nascido da rival. Ao dirigir para ele o olhar e o espírito em fúria, disse: "Não há dúvida de que faltava ainda isso, adúltera, que fosses fecundada, e no teu parto se tornasse evidente a minha humilhação e atestada a baixeza de meu Júpiter. Não ficarás impune. Vou arrebatá-lo a beleza de que te orgulhas e pela qual te tornaste, atrevida, ao agrado de meu marido." Disse-lho e, frente a frente, agarrando-a pelos cabelos, atirou-a ao chão. A ninfa erguia os braços suplicante. Os braços começaram a eriçar-se-lhe de penugem negra, as mãos a curvar-se e prolongar-se em aduncas garras, fazendo as vezes de patas, e a boca, elogiada antes por Júpiter, a transformar-se em longo focinho. Não vão suas preces e palavras de súplica apiedar alguém, retira-lhe o dom da fala. De sua rouca garganta sai uma voz irada, ameaçadora e apavorante. Manteve o espírito anterior (até feita ursa o manteve). (Ovídio, Metamorfoses II, 465-485, trad. Dias, 2017, p. 133-135)

A transformação em representa um dos momentos mais significativos do poder das deusas na narrativa. Juno não apenas castiga Calisto, mas redefine sua identidade, retirando-lhe os atributos humanos e impondo-lhe uma existência animalizada. A metamorfose é descrita de forma detalhada, com a aparição de penugens negras, a transformação das mãos em garras e a perda da voz, mantendo, no entanto, a consciência da ninfa. Esse elemento reforça o caráter disciplinador da divindade, pois a punição não é apenas física, mas também psicológica, obrigando Calisto a viver com a memória de sua condição anterior e com a consciência de sua desgraça.

Segundo Thomas Galinsky (1995, p. 35), o amor e o desejo nas *Metamorfoses* funcionam como forças transformadoras que impulsionam as ações dos deuses e dos humanos, frequentemente resultando em consequências trágicas. No caso de Calisto, o desejo de Júpiter desencadeia uma série de transformações que evidenciam a incapacidade das figuras femininas de controlar seus próprios destinos diante da vontade divina. Essa dinâmica demonstra que o sagrado não atua apenas como proteção, mas como mecanismo de controle e reorganização do feminino.

Além disso, a interpretação de William S. Anderson (1972, p. 56) destaca que a história de Calisto ilustra a vulnerabilidade das mulheres em um mundo governado pelo desejo masculino e pela vontade divina, em que nem mesmo a devoção a uma deusa é suficiente para garantir proteção. Essa leitura reforça a ideia de que o poder das deusas, embora significativo, não é absoluto, pois está inserido em uma estrutura hierárquica dominada por Júpiter.

O desfecho da narrativa intensifica essa ambiguidade do sagrado e do feminino. Após o reencontro entre Calisto e seu filho Árcade, Júpiter intervém novamente e transforma ambos em constelações, colocando-os no céu como Ursa Maior e Urso Menor (Ovídio, *Metamorfoses* II, 505–507). A transformação pode parecer uma redenção, mas Juno continua a exercer seu poder ao impedir que a ninfa se banhe nas águas do oceano, interpretando a ascensão ao céu

como uma recompensa pelo estupro (Ovídio, *Metamorfoses* II, 529–530).

Nesse sentido, a divinização final de Calisto não representa libertação, mas uma imortalização marcada pela violência. Como observa Anderson (1972, p. 61), a transformação em constelação não apaga o sofrimento da ninfa, mas evidencia a limitação da ação feminina diante do poder divino. A metamorfose final, portanto, reafirma o domínio divino sobre o corpo feminino, transformando Calisto em símbolo da disciplina moral e da reorganização da ordem no mito.

Dessa forma, o conto de Calisto contribui para compreender que o poder das deusas desempenha um papel central na regulação da sexualidade e do comportamento feminino nas *Metamorfoses*. Isso porque, Diana estabelece o ideal de pureza, Juno executa a punição e ambas atuam como forças que disciplinam o corpo e o desejo, mesmo quando o agressor é um deus masculino. O sagrado feminino, portanto, aparece como um espaço de poder e controle, no qual a sexualidade das mulheres é regulada por meio da metamorfose, da punição e da reorganização simbólica da identidade. Contudo, o poder desempenhado por Júpiter na narrativa, reforça que o controle das deusas femininas encontram um limite, que se traduz na divindade masculina.

Transformação e redenção: o poder divino de Ísis no corpo de Ífis

O conto de Ífis e Iante, presente no Livro IX (666–797) das *Metamorfoses* de Ovídio, constitui uma das mais extensas narrativas de homoerotismo feminino da Antiguidade romana, ao apresentar uma relação entre duas jovens e explorar os limites sociais e religiosos que envolvem esse tipo de vínculo (Boehringer, 2022, p. 212). A narrativa se inicia com a gravidez de Teletusa e a ordem de seu marido, Ligdo, para que o bebê fosse morto caso nascesse menina. Diante dessa ameaça, a mulher recorre à deusa Ísis, que intervém e orienta que a criança seja criada como um menino, garantindo sua

sobrevivência (Ovídio, Met. IX, 712–713) .

Ovídio constrói, assim, uma narrativa em que o poder da deusa não se limita à proteção, mas atua diretamente na configuração do destino humano. Ísis não apenas impede a morte da criança, como também estabelece as condições para que sua vida seja possível dentro de uma sociedade que valoriza o nascimento de meninos e restringe o papel social das mulheres. Nesse sentido, a deusa representa uma força feminina ativa, capaz de intervir na ordem social e alterar o curso da vida humana, ainda que essa intervenção não rompa completamente com a norma vigente.

A relação entre Ífis e Iante intensifica o conflito narrativo ao introduzir o amor entre duas jovens, descrito como recíproco, mas marcado por expectativas distintas. Isso porque, enquanto Iante espera o casamento, Ífis reconhece a impossibilidade social da relação.

hinc amor ambarum tetigit rude pectotus et aequum
uulnus utriquededit, sed erat fiducia dispar
coniugium pactaeque exspectat tempora taedae,
quamque uirum putat esse, uirum fore credit Ianthe;
Iphis amat, qua posse frui desperat, et auget
hoc ipsum flammis ardetque in uirgine uirgo.

Neste convívio, o amor tocou o coração de ambas
e em cada uma fez ferida igual, sendo diferente a esperança.
Iante aguarda pelo matrimônio e pelas tochas do prometido
himeneu,
julgando ser homem, aquela que, acredita, virá a ser seu
marido.
Ífis ama sem esperança de poder desfrutar daquela que ama.
Sendo donzela, arde de paixão por outra donzela.
(Ovídio, Metamorfoses IX, 720-725, trad. Dias, 2017, p. 521).

Ovídio constrói tensão ao afirmar que “o amor tocou o coração de ambas”, indicando que o sentimento é compartilhado, mas acompanhado por diferentes expectativas.

Esse amor é apresentado como anômalo e monstruoso pela própria

personagem, que se reconhece como uma donzela apaixonada por outra donzela e questiona o destino que a aguarda:

'quis me manet exitus' inquit
'cognita quam nulli, quam prodigiosa, nouaeque
cura tenet Veneris?'

“Que saída resta a mim,
a quem domina um amor estranho, a mim, a quem domina
uma paixão monstruosa e desconhecida?”
(Ovídio, Metamorfoses IX, 726-728, trad. Dias, 2017, p. 521).

nec uaccam uaccae, nec equas amor urit equarum.
urit oues aries, sequitur sua femina ceruum.
sic et aues coeunt, interque animalia cuncta
femina femineo correpta cupidine nulla est.

Não arde de paixão uma vaca por outra,
nem uma égua por outras éguas. Arde o carneiro de paixão
pelas ovelhas;
busca o veado as suas fêmeas. É deste modo que se acasalam as
aves
e, entre todos os animais, nenhuma fêmea é arrebatada de
paixão por outra.
(Ovídio, Metamorfoses IX, 731-734, trad. Dias, 2017, p. 521).

O sofrimento de Ífis não se concentra na ambiguidade de gênero, mas na impossibilidade social de sua sexualidade, o que reforça a ideia de que o problema central da narrativa não é a identidade da personagem, mas a legitimidade de seu amor (Speth, 2014, p. 40–41). Assim, a narrativa permite questionar como a ordem social romana condiciona a existência das relações afetivas, definindo o que pode ou não ser considerado natural.

A busca pela deusa Ísis retorna no momento de maior tensão, quando Teletusa e Ífis se dirigem novamente ao templo para pedir ajuda diante da iminência do casamento. Nesse momento, o espaço sagrado se torna o local de resolução do conflito, reforçando o papel da divindade feminina como agente transformadora da realidade humana.

Non secura quidem, fausto tamen omine laeta
mater abit templo. Sequitor comes Iphis euntem,
quam solita est, maiore gradu, nec candor in ore
permanet, et uires augentur, et acrior ipse est
uultus, et incompertis breuior mensura capillis,
plusque uigoris adest, habuit quam femina. Nam quae
femina nuper eras, puer es!

Ainda não tranquila, mas alegre com o ditoso presságio,
a mãe sai do templo. Acompanha-a Ífis com o passo mais largo
do que é costume. Não ostenta já brancura na face.
As forças aumentam-lhe. É mais enérgica a própria feição.
Os cabelos estão mais curtos e em desalinho.
Há nela vigor maior do que havia em mulher.
De fato, tu que eras mulher ainda há pouco, agora és já rapaz.
(Ovídio, Metamorfoses IX, 785-791, trad. Dias, 2017, p. 523-525).

A metamorfose ocorre após esse contato com o sagrado feminino, quando o corpo de Ífis começa a se modificar. O passo se torna mais largo, a força aumenta, os cabelos se encurtam e o vigor cresce, até que a transformação seja concluída com a afirmação de que “tu que eras mulher ainda há pouco, agora és já rapaz”.

A intervenção de Ísis representa, nesse contexto, uma manifestação direta do poder divino sobre o corpo humano. A deusa não apenas protege e orienta, mas reconfigura fisicamente a personagem, alterando sua identidade corporal e social. Essa transformação demonstra a centralidade do sagrado na narrativa, pois o corpo de Ífis torna-se um espaço de atuação divina, em que a ordem social e biológica pode ser modificada pela vontade dos deuses, nesse caso, de uma deusa mulher.

Contudo, essa intervenção não representa uma ruptura com a norma, mas sua reafirmação. A metamorfose permite o casamento entre Ífis e Iante, restaurando a ordem social e garantindo que a relação se enquadre no modelo normativo romano. Ou seja, a transformação funciona como um mecanismo de controle social, pois, embora apresentada como uma dádiva divina, resulta na

perda da identidade original da personagem e na imposição de um modelo legítimo de relação.

Sandra Boehringer (2022, p. 288) destaca que o objetivo da narrativa não é representar uma mudança de identidade de gênero, mas legitimar o amor entre as personagens por meio da intervenção divina, tornando possível o casamento. Desse modo, o foco do conto não está na transformação em si, mas na necessidade de adequação da relação às normas sociais. A metamorfose aparece como solução para um amor considerado anômalo, demonstrando que a intervenção divina atua como instrumento de reorganização da ordem social.

Nesse contexto, Teletusa e Ísis assumem papéis centrais na narrativa como figuras femininas ativas na resolução do conflito. A mãe atua como mediadora entre o humano e o divino, enquanto a deusa exerce o poder de transformação. Ou seja, o feminino não é passivo na narrativa, mas agente fundamental na definição do destino de Ífis. Essa atuação reforça a ideia de que o poder divino feminino é capaz de controlar e redefinir os corpos e as relações humanas, ao mesmo tempo em que reafirma os limites do sistema social romano.

Dessa forma, o conto de Ífis pode ser compreendido a partir da centralidade do poder da deusa Ísis na construção da narrativa, pois é sua intervenção que permite a sobrevivência da personagem, a continuidade do amor e a reorganização da ordem social. Ovídio, ao narrar essa história, não silencia o homoerotismo feminino, mas o insere em uma estrutura em que o sagrado feminino exerce autoridade sobre os corpos e sobre os destinos humanos. Como observa Hallett (1990, p. 255), a narrativa oferece uma representação significativa da subjetividade homoerótica feminina, ainda que reafirme os limites do sistema de gênero por meio da intervenção divina.

Assim, o poder de Ísis sobre o corpo de Ífis revela uma tensão fundamental entre experiência, desejo e norma, uma vez que a deusa permite que o amor se concretize em matrimônio, mas o transforma para que ele se

torne aceitável. O sagrado feminino, portanto, aparece como uma força ambígua, capaz tanto de proteger quanto de controlar, tanto de permitir quanto de limitar. Por isso, nas *Metamorfoses*, o poder das deusas não rompe com a ordem social, mas a reorganiza a partir de sua autoridade divina.

Considerações finais

A análise dos contos de Calisto e Ífis nas *Metamorfoses* de Ovídio permite compreender que o poder das deusas femininas se manifesta de formas distintas e ambíguas, em que há tensões profundas entre corpo, sexualidade, ordem social e intervenção divina na Antiguidade romana. Ao colocar o feminino no centro da ação religiosa, Ovídio constrói narrativas nas quais as deusas exercem autoridade sobre os corpos humanos, especialmente os corpos femininos, mas essa autoridade não é uniforme, podendo assumir tanto a forma de punição quanto de redenção.

No conto de Calisto, o poder das deusas aparece vinculado ao controle e à disciplina do corpo feminino. Diana representa a ordem da castidade e da pureza exigida de suas seguidoras, enquanto Juno atua como agente de punição diante da violação dessa ordem. A intervenção divina, nesse caso, não protege Calisto da violência de Júpiter, mas reforça a hierarquia moral e religiosa por meio da transformação de seu corpo em um animal. Como apontam os estudos sobre sexualidade e normas sociais na Antiguidade, o corpo feminino frequentemente se torna o espaço de inscrição das regras morais e das estruturas de poder, sendo disciplinado e controlado pela ordem social e religiosa (Parker, 1997, p. 50–51, 55).

Nesse sentido, o poder das deusas no mito de Calisto opera como instrumento de manutenção da ordem, evidenciando que o sagrado feminino pode atuar como força disciplinadora e punitiva. A violência sofrida por Calisto não é reparada pela intervenção divina, mas reorganizada dentro da lógica

mítica, na qual a punição recai sobre a mulher e não sobre o deus responsável pela violência. Essa dinâmica demonstra o caráter ambíguo do poder feminino divino, que, embora represente autoridade, também reproduz estruturas de desigualdade e controle sobre o corpo das mulheres.

No conto de Ífis, por outro lado, o poder da deusa Ísis assume uma dimensão aparentemente redentora. A intervenção divina permite a transformação do corpo de Ífis e a realização do casamento com Iante, resolvendo o impasse social e familiar criado pela impossibilidade de uma união entre duas mulheres. A atuação de Ísis, portanto, demonstra um poder feminino capaz de alterar a realidade e reorganizar o mundo humano por meio do sagrado, confirmando o papel das divindades como mediadoras entre desejo, norma e ordem social, característica recorrente nas representações do corpo e da sexualidade na Antiguidade (Boehrer, 2007, p. 132; 2022, p. 274–276).

No entanto, ainda que a intervenção de Ísis seja apresentada como redenção, a transformação de Ífis também pode ser compreendida como uma forma de violência simbólica e corporal. O corpo da jovem é modificado para que ela possa se adequar à norma e à estrutura matrimonial romana, o que evidencia que a solução divina não legitima o amor entre mulheres, mas elimina sua possibilidade ao transformar uma das personagens em homem. Como discutem os estudos sobre homoerotismo feminino na Antiguidade, as narrativas que envolvem transformação de gênero frequentemente funcionam como mecanismos de normalização social, reorganizando o corpo para garantir a continuidade das normas culturais e sexuais (Boehrer, 2022, p. 278; p. 281).

Dessa forma, o poder de Ísis, embora redentor, não pode ser interpretado apenas como libertador. A deusa intervém no corpo de Ífis e altera sua identidade física para que o casamento se torne possível, o que evidencia que o sagrado feminino também atua como agente de adequação social. A redenção ocorre, assim, por meio da transformação do corpo, e não pela legitimação da

relação entre mulheres. Ou seja, o poder divino feminino, nesse caso, não rompe com a norma, mas a reafirma através de uma intervenção que, ao mesmo tempo em que resolve o conflito, impõe uma nova forma de violência sobre o corpo da protagonista.

A comparação entre os dois mitos desvela, portanto, duas formas distintas de exercício do poder das deusas nas *Metamorfoses*. No mito de Calisto, Diana e Juno atuam como guardiãs da ordem e agentes de punição, disciplinando o corpo feminino e reafirmando a hierarquia moral e religiosa. No mito de Ífis, Ísis atua como deusa transformadora, capaz de intervir na realidade e reorganizar o mundo humano, mas sua ação também revela os limites da autonomia feminina, uma vez que a redenção depende da adequação do corpo à norma social.

Essa diferença demonstra que o sagrado feminino na obra de Ovídio não é homogêneo, mas múltiplo e tensionado. As deusas exercem poder real sobre os corpos e sobre a vida humana, mas esse poder pode tanto punir quanto salvar, disciplinar quanto transformar. Em ambos os casos, o corpo feminino permanece como espaço privilegiado da intervenção divina, evidenciando que o poder das deusas está diretamente ligado à regulação da sexualidade e da ordem social.

Assim, a análise dos contos de Calisto e Ífis demonstra que o feminino divino nas *Metamorfoses* de Ovídio representa uma força ativa e determinante, capaz de moldar corpos, destinos e relações sociais. Contudo, esse poder não se traduz necessariamente em emancipação feminina, pois tanto a punição de Calisto quanto a transformação de Ífis traduzem que o sagrado feminino atua dentro de uma estrutura social que limita a autonomia das mulheres. Dessa forma, “quando a mulher era deusa” nas *Metamorfoses*, ela tinha poder, um poder que pune, transforma e regula os corpos, traduzindo as complexas relações entre sagrado, feminino e sexualidade na Antiguidade romana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte antiga

OVÍDIO. **Metamorfoses (Metamorphoses)**. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

Bibliografia

ANDERSON, William S. **Ovid's Metamorphoses: Books 6–10**. Norman: University of Oklahoma Press, 1972.

BARCHIESI, Alessandro. **The poet and the prince: Ovid and Augustan discourse**. Berkeley: University of California Press, 1997.

BOEHRINGER, Sandra. **Homossexualidade feminina na Grécia e Roma antigas**. São Paulo: Editora Unifesp, 2022.

BOEHRINGER, Sandra. **Female homosexuality in Ancient Greece and Rome**. New York: Routledge, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CANTARELLA, Eva. **Secondo natura: la bisessualità nel mondo antico**. Roma-Bari: Laterza, 1988.

CONTE, Gian Biagio. **Latin literature: a history**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.

DOVER, Kenneth J. **Greek homosexuality**. Cambridge: Harvard University Press, 1978.

EDWARDS, Catherine. **The politics of immorality in ancient Rome**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

FEENEY, Denis C. **The gods in epic: poets and critics of the classical tradition**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

GALINSKY, Karl. **Ovid's Metamorphoses: An Introduction to the Basic Aspects**. Berkeley: University of California Press, 1995.

HALLETT, Judith P. **"Female Homoeroticism and the Denial of Roman Reality in Latin Literature"**. In: HALPERIN, David (et al.) *Before Sexuality: The Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek and Roman World*. Princeton: Princeton University Press, 1990.

HALPERIN, David. **One Hundred Years of Homosexuality**. New York: Routledge, 1990.

PARKER, Holt N. **The teratogenic grid**. In: HALPERIN, David; WINKLER, John; ZEITLIN, Froma (org.). *Before sexuality: the construction of erotic experience in the ancient Greek world*. Princeton: Princeton University Press, 1997. p. 47–65.

TREGGIARI, Susan. **Roman Marriage: Iusti Coniuges from the Time of Cicero to the Time of Ulpian**. Oxford: Clarendon Press, 1991.

VEYNE, Paul. **A elegia erótica romana**. São Paulo: Brasiliense, 1985.